

Estagnação crônica, o mal que aflige o setor de bens de capital.

Os eventuais surtos de aumentos de produção e modernização das indústrias brasileiras não bastam para disfarçar uma realidade crítica: nos últimos anos, o País tem operado em patamar próximo da estagnação. Antonio Teophilo de Andrade Orth, presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib) prevê que a taxa de investimento do País em 1989 será ainda inferior aos 17,51% do PIB registrados em 88 (ver tabela). “Estamos trabalhando quase no nível de manutenção, que é de 14%”, constata ele.

Desde 1983, o setor de bens de capital sob encomenda — cuja atividade é um dos componentes da taxa de investimento — trabalha com ociosidade média de 40% e, segundo Orth, as áreas de infra-estrutura e de indústrias de base, capitaneadas pelo governo, apresentaram nos últimos anos uma queda dramática nos pedidos de bens de capital. Os investimentos do setor de energia elétrica, que atingiram seu auge em 82 com US\$ 6,9 bilhões, caíram para US\$ 4,9 bilhões em 88 e, este ano, não devem chegar a US\$ 4 bilhões. Isso enquanto o consumo de eletri-

cidade cresce em média 6% ao ano.

Na área de petróleo, os US\$ 5,2 bilhões de 82 diminuíram para US\$ 2,5 bilhões em 88 e, este ano, devem beirar os US\$ 2 bilhões apenas. Em siderurgia, a retração de investimentos foi ainda mais drástica. Os US\$ 3,6 bilhões de 1980 caíram para US\$ 500 milhões em 88 e chegarão, no máximo a US\$ 350 milhões este ano, enquanto na área de transportes, registrou-se por exemplo, uma queda de 0,8% do PIB nos anos 70 para zero em 1989.

Esses indicadores cristalizam em Orth uma descrença absoluta em qualquer movimento de retomada do crescimento econômico. “Se o próximo governo não dedicar o ano de 90 à costura de um plano estratégico de desenvolvimento, que defina prioridades e fontes de financiamento, certamente, a partir de 91/92 atingiremos o estancamento físico da produção”, adverte.

Para Orth, todo o excesso de liquidez que o setor privado movimenta hoje no mercado financeiro poderá sustentar, no máximo, 30% de um processo de retomada do crescimento, incluindo aí

a compra de estatais em áreas essenciais, como energia elétrica e siderurgia. Os outros 70% terão de ser buscados pelo governo em organismos internacionais e na redução do serviço da dívida externa. “Passamos os anos 80 paralisados e, agora, sem um bom plano, qualquer retomada do desenvolvimento será errática”, aconselha o presidente da Abdib.

Evolução dos investimentos

Ano	Taxa de investimento (%)
1973	23,2
1974	24,1
1975	25,2
1976	24,5
1977	23,2
1978	23,2
1979	22,4
1980	22,5
1981	20,1
1982	18,8
1983	16,0
1984	15,7
1985	16,2
1986	18,1
1987	18,2
1988	17,5

Fonte: IBGE

(*) Resultado da relação entre formação bruta de capital fixo (produção de bens de capital, mais importações de bens de capital e produção da construção civil, menos exportações de bens de capital) e o Produto Interno Bruto.